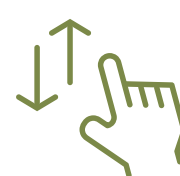
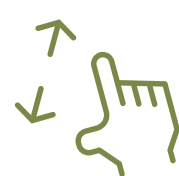


Viver bem

O maior canal de saúde do RN

Ano 7 - Edição 89, setembro 2026

Assista aos vídeos, clique nos links e aproveite o conteúdo da nossa revista **100% interativa!**



ABENEPI: UM OLHAR ALÉM DO DIAGNÓSTICO

Especialistas esclarecem os caminhos para um diagnóstico preciso.

Um ano inteiro falando de conhecimento, cuidado e desenvolvimento

Desde o início do ano de 2026, o Viver Bem vem acompanhando de perto um dos mais importantes acontecimentos da área da saúde e da educação: o 23º Congresso Brasileiro e 8º Congresso Internacional da ABENEPI, que acontece de 28 a 31 de outubro, no Centro de Convenções de Natal.

Depois de mais de 30 anos sem realizar o congresso no Nordeste, a ABENEPI escolhe Natal para reunir grandes nomes e profissionais de diferentes áreas em torno de um tema cada vez mais necessário: o desenvolvimento e a saúde das novas gerações.

Ao longo de 2026, o Viver Bem antecipou essa discussão em suas plataformas, produzindo reportagens, vídeos, podcasts e entrevistas sobre neurodesenvolvimento, autismo, TDAH, TOD, TEA, saúde mental e comportamento, sempre levando informação de qualidade ao nosso público.

Conversamos com especialistas como a neuropediatra Celina Reis, a fonoaudióloga Cíntia Salgado, as psicólogas Isabel Hazin e Clenice Demeda, a psicomotricista Cida Dias, a fonoaudióloga Natália Rossi e o psiquiatra Hugo Saily, entre outros profissionais que contribuiram para ampliar esse importante debate.

Esta edição especial reúne esse conteúdo em um só lugar. É um registro de tudo o que construímos ao longo do ano e, ao mesmo tempo, um convite para acompanhar de perto esse grande encontro de conhecimento.

Há 25 anos, o Viver Bem transforma informação em cuidado. E estar presente na ABENEPI 2026 é mais uma forma de cumprir a nossa missão: falar de saúde com responsabilidade, informação e propósito.

Acesse o link e assista aos Podcast na TV ViverBem.

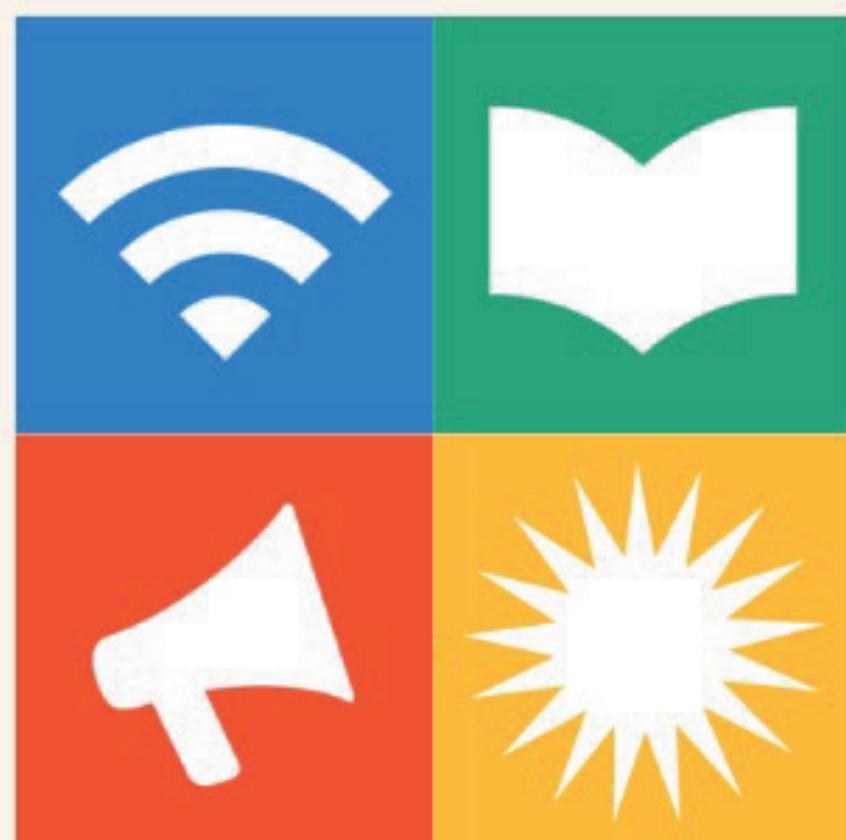
 @guiaviverbem 

 @TvViverBem 

 guiaviverbem.com.br 



Clique em cima do anúncio
e veja mais!



VIII Congresso Internacional & XXVIII Brasileiro da ABENEPI

GERAÇÕES (DES)CONNECTADAS

Os impactos da Era Digital na Infância, Adolescência
e os Desafios para Saúde, Educação e Famílias.

28 a 31 de outubro de 2026 • Natal • RN

Congresso
ABENEPI 2026!



Inscreva-se em:

congressoabenepi2026.com.br



28 a 31 de outubro • Natal/RN

U
ber
bem

#Fonoaudiologia



A avaliação fonoaudiológica é fundamental para identificar dificuldades no uso social da linguagem e orientar estratégias de intervenção para cada criança.

Falar bem não é o mesmo que se comunicar bem

Pouco conhecido, transtorno da comunicação social pode dificultar conversas, amizades e compreensão de ironias; avaliação especializada ajuda a diferenciar quadro de autismo e TDAH

Uma criança pronuncia corretamente as palavras, constrói frases e aparentemente fala como qualquer outra da mesma idade. Ainda assim, não sabe a hora de entrar numa conversa, tem dificuldade para perceber ironias, adaptar a fala ao interlocutor ou compreender regras implícitas das relações sociais. Esses podem ser sinais do transtorno da comunicação social, condição ainda pouco conhecida por famílias e até confundida com outros transtornos do neurodesenvolvimento.

A fonoaudióloga Natália Rossi, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), explica que a dificuldade central não está necessariamente na fala. “A base desse transtorno não está relacionada com dificuldades na articulação dos sons”, afirma. O problema está no uso social da linguagem, a chamada competência pragmática: saber iniciar e sustentar uma conversa, respeitar a troca de turnos, ajustar a comunicação ao interlocutor e compreender elementos como a prosódia — a “melodia” da fala que ajuda a identificar, por exemplo, uma ironia.



Crianças com Transtorno da Comunicação Social podem falar corretamente, mas apresentar dificuldades no uso da linguagem durante as interações sociais.

O diagnóstico ganhou maior visibilidade a partir de 2013, quando o transtorno passou a integrar uma classificação diagnóstica entre os transtornos da comunicação. A identificação exige uma avaliação cuidadosa, inclusive porque algumas características podem lembrar o transtorno do espectro autista (TEA) ou aparecer em crianças com TDAH.

Natália ressalta, porém, que transtorno da comunicação social e autismo são diagnósticos distintos. No TEA, além dos prejuízos de comunicação e interação social, existem critérios relacionados a comportamentos restritos e repetitivos. “Nunca o diagnóstico de transtorno da comunicação social pode ser dado junto com o transtorno do espectro autista”, explica.

As consequências podem aparecer justamente onde a linguagem se torna mais necessária: na convivência. Uma criança pode querer brincar e fazer amigos, mas não

dominar as regras que permitem manter essa interação. “Ela tem essa busca pela interação. Ela só não consegue usar essas regras e acabam impactando nas suas interações”, diz a especialista.

Com o passar dos anos, as dificuldades podem alcançar também o ambiente escolar e a linguagem escrita. Segundo Natália, problemas para interpretar intenções e significados na comunicação oral podem se refletir frequentemente na interpretação de textos.

Por isso, sinais persistentes não devem ser tratados apenas como uma fase. “Não dá para a gente arriscar, falar assim: faz parte, vai demorar um pouquinho”, alerta. O fonoaudiólogo tem papel central na avaliação e na intervenção, que busca desenvolver estratégias de comunicação e minimizar impactos nas relações e na aprendizagem.

Congresso da ABENEPI amplia o olhar sobre desenvolvimento infantil

O Congresso da ABENEPI, que será realizado em Natal, em outubro, terá o transtorno da comunicação social entre os assuntos discutidos. Natália Rossi participará do evento abordando o tema.

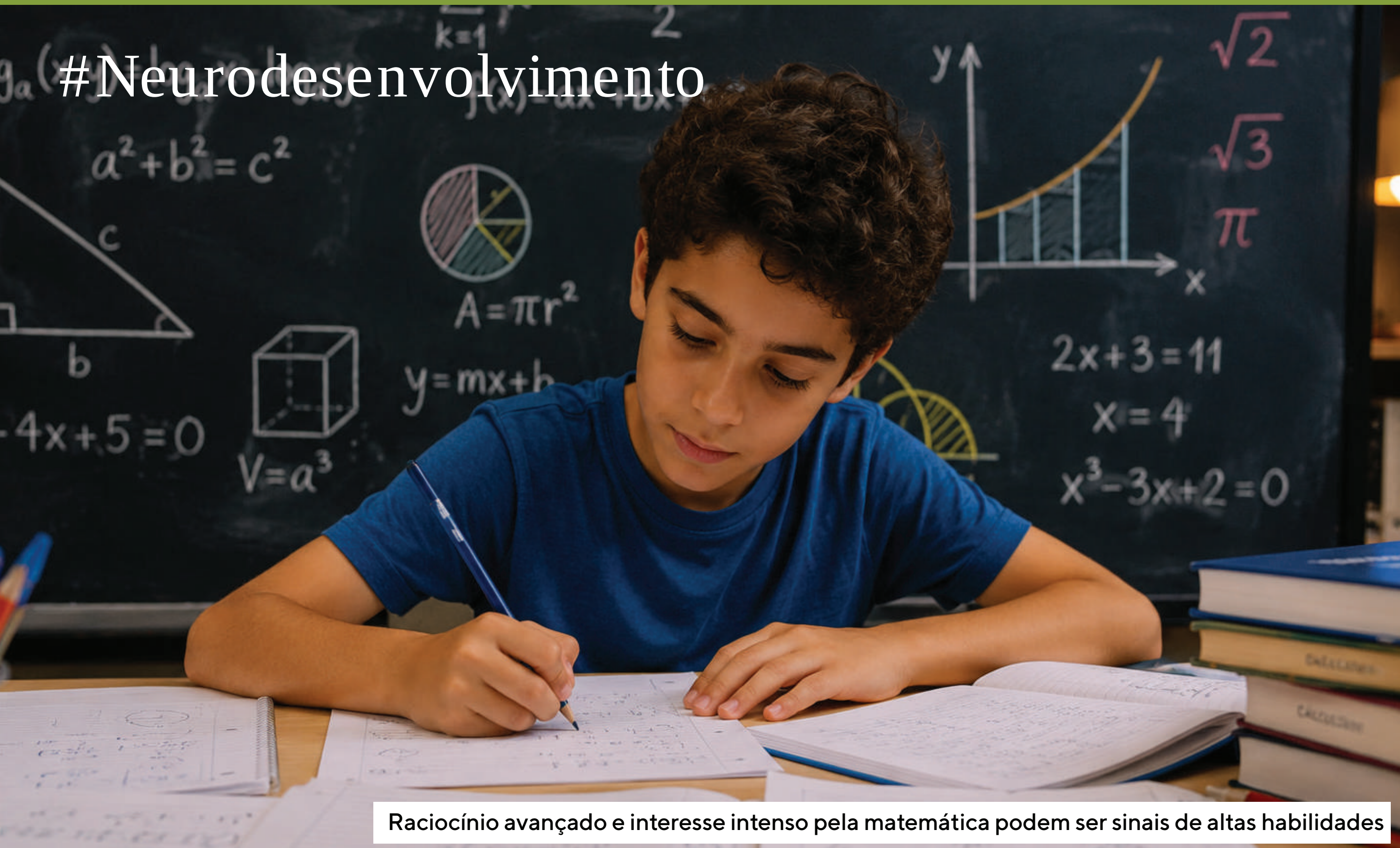
Para a fonoaudióloga, encontros científicos multidisciplinares permitem que diferentes profissionais observem um mesmo fenômeno sob perspectivas complementares. “Quando nós temos vários profissionais aprendendo sobre o mesmo assunto, quem ganha [...] também é o paciente”, destaca.

A especialista considera o congresso uma oportunidade para ampliar o conhecimento sobre uma classificação diagnóstica ainda recente e transformar a discussão científica em melhores práticas de avaliação e intervenção. “O Congresso é sempre um lugar oportuno para que a gente faça esse tipo de troca de ciência para que a gente possa transferir isso para a sociedade”, afirma.



A fonoaudióloga Natália Rossi, da Universidade de São Paulo explicou tudo sobre o Transtorno da Comunicação Social no podcast Viver Bem

#Neurodesenvolvimento



Raciocínio avançado e interesse intenso pela matemática podem ser sinais de altas habilidades

Altas habilidades: talento precisa de acolhimento, não de rótulos

Especialistas alertam para os mitos que cercam a superdotação e defendem uma rede de apoio formada por família, escola e profissionais para garantir o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes

A criança que aprende a ler antes dos colegas, faz perguntas complexas ou demonstra interesse incomum por determinados temas costuma despertar admiração. Mas será que esses sinais indicam, necessariamente, altas habilidades ou superdotação? O assunto tem ganhado cada vez mais espaço nas escolas, consultórios e famílias brasileiras. No entanto, especialistas alertam: identificar e desenvolver esses talentos exige cuidado, conhecimento e, sobretudo, responsabilidade. Foi sobre esse tema que a psicóloga Izabel Hazim e a fonoaudióloga Cíntia Salgado discutiram durante o podcast Viver Bem, destacando desafios, mitos e caminhos para garantir que essas crianças encontrem espaço para florescer.

Muito além do “gênio da sala”

Segundo Izabel Hazim, coordenadora do Programa Talento MetrÓpole, da UFRN, as altas habilidades não podem ser resumidas a um desempenho escolar excepcional. A definição mais aceita atualmente reúne três características: habilidade acima da média em determinada área, criatividade elevada e motivação intensa para atividades de interesse.

Isso significa que uma criança pode apresentar altas habilidades em matemática, linguagem, música, artes, esportes ou tecnologia. O potencial, porém, não surge pronto nem se desenvolve sozinho. Ele depende das oportunidades

oferecidas pela família, pela escola e pela sociedade.

A especialista explica que a precocidade é um dos sinais mais observados, mas alerta para um erro comum: nem toda criança precoce possui altas habilidades. Enquanto uma criança apenas estimulada tende a se igualar aos colegas ao longo do tempo, aquela com altas habilidades costuma ampliar cada vez mais a diferença em relação aos pares.



Diagnósticos equivocados e sofrimento silencioso

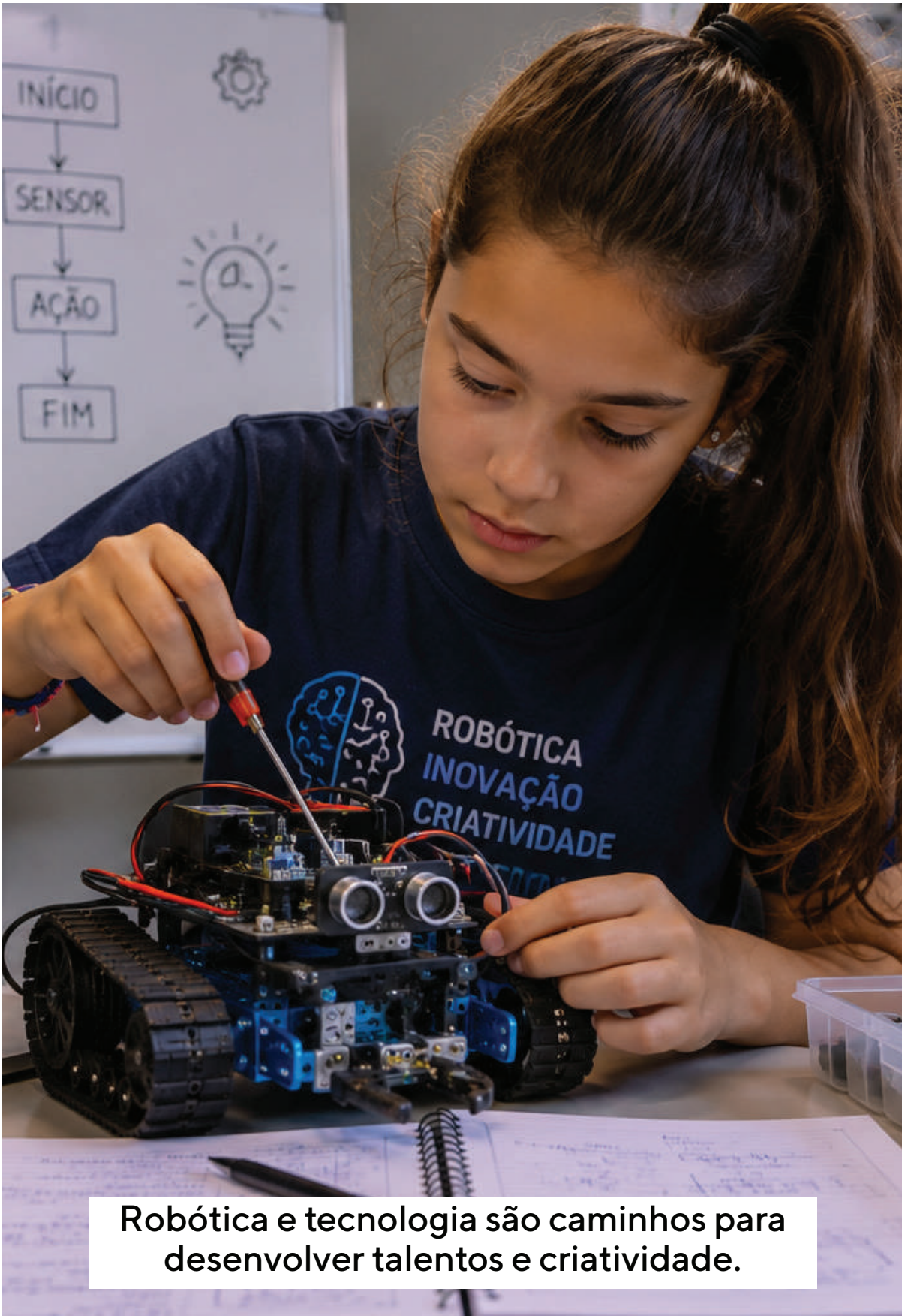
De acordo com Cíntia Salgado, muitas crianças chegam aos consultórios com suspeitas de transtornos de atenção ou comportamento quando, na verdade, apresentam características relacionadas às altas habilidades. A desatenção, por exemplo, pode ser resultado do desinteresse por atividades que não desafiam seu potencial.



Identificação precoce ajuda a estimular habilidades sem abrir mão da infância.

Outro desafio é combater a ideia de que essas crianças são “boas em tudo”. A expectativa excessiva pode gerar ansiedade, baixa autoestima e sofrimento emocional. Muitas passam a acreditar que precisam corresponder constantemente a um padrão de excelência impossível de sustentar.

“As altas habilidades não substituem a infância”, enfatiza Izabel. Para ela, pais e educadores precisam lembrar que, antes de qualquer identificação, existe uma criança que necessita brincar, conviver com outras pessoas e construir sua trajetória sem sobrecarga ou cobranças exageradas.



Inclusão também é para quem tem potencial acima da média

Embora sejam consideradas uma forma de neurodivergência, as altas habilidades não constituem um transtorno. Ainda assim, estão contempladas na legislação brasileira de inclusão, que prevê o desenvolvimento de estratégias específicas para atender esse público.

As especialistas defendem que a aceleração escolar, muitas vezes vista como solução automática, deve ser adotada com cautela. Mais importante do que avançar séries é garantir programas de enriquecimento, atividades em contraturno e experiências que permitam o desenvolvimento pleno dos talentos sem comprometer aspectos emocionais e sociais.

Experiências como o Programa Talento Metrópole demonstram o impacto dessas oportunidades. Ao longo de dez anos, estudantes participantes desenvolveram projetos de robótica, realidade virtual, pesquisa científica e inovação tecnológica, mostrando que o potencial de uma criança não depende exclusivamente de sua condição socioecon mica, mas das oportunidades que encontra pelo caminho.

Mais do que formar talentos individuais, o desafio é construir uma sociedade capaz de reconhecer, estimular e direcionar essas capacidades para o benefício coletivo.

CLIQUE AQUI

**E TENHA ACESSO AO PODCAST
SOBRE A MATÉRIA**



Altas habilidades na infância: o que toda
família precisa saber

#neurodesenvolvimento



O diagnóstico precoce amplia as possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem infantil

Muito além do rótulo: diagnóstico precoce transforma o futuro de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento

Identificação correta amplia o acesso a direitos, orienta intervenções e melhora o desempenho escolar e emocional de crianças e adolescentes

Desatenção, agitação, dificuldade na escola ou atraso na fala: sinais frequentemente tratados como “comportamento” podem esconder algo mais complexo. O diagnóstico dos transtornos do neurodesenvolvimento que vão além do autismo e do TDAH exige olhar atento, equipe multidisciplinar e investigação cuidadosa. Quando feito no tempo certo, ele pode mudar completamente a trajetória de uma criança.

A cena é comum em muitas famílias: a escola relata que a criança não presta atenção, é agitada ou não acompanha o ritmo da turma. Para os pais, surgem dúvidas e, muitas vezes, culpa. Mas, por trás desses comportamentos, pode existir uma série de condições ligadas ao desenvolvimento neurológico que vão muito além dos diagnósticos mais conhecidos.

O primeiro passo, segundo especialistas, é entender que comportamento não é diagnóstico. “A criança não chega dizendo que tem um atraso no desenvolvimento. Ela demonstra isso por meio do comportamento”, explica a neuropediatra Celina Reis .

Isso significa que sintomas como desatenção ou hiperatividade podem ter múltiplas origens. Um exemplo recorrente é o de crianças com perda auditiva, que podem ser interpretadas como desatentas ou agitadas. “Às vezes a criança parece hiperativa, mas, na verdade, não escuta bem. Como ela não conhece outra realidade, acha que ouvir daquele jeito é normal”, destaca a especialista .

A complexidade do diagnóstico exige uma investigação ampla. Problemas de visão, distúrbios do sono, deficiência de ferro, uso excessivo de telas e até questões emocionais, como ansiedade ou depressão, podem gerar comportamentos semelhantes aos transtornos do neurodesenvolvimento.

E não são poucos os diagnósticos possíveis. Além do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade e do Transtorno do Espectro Autista, existem condições como transtornos de linguagem, dislexia, discalculia, transtorno do desenvolvimento motor e deficiência intelectual. Muitas delas apresentam sinais parecidos, o que aumenta o risco de interpretações equivocadas.



Sinais observados na infância podem ajudar no diagnóstico precoce dos transtornos do neurodesenvolvimento

Dra. Celina Reis - Neuropediatra



Por isso, o diagnóstico não é feito de forma isolada. Ele depende da integração entre profissionais da saúde, da educação e da família. “São necessárias informações da escola, da família e avaliações clínicas detalhadas. Não existe exame único que confirme esses transtornos”, reforça a fonoaudióloga Cíntia Salgado .

A escola, aliás, costuma ser o primeiro espaço onde os sinais aparecem com mais clareza. É ali que as demandas cognitivas e sociais se intensificam, tornando mais visíveis as dificuldades da criança. Ainda assim, especialistas alertam: o papel da escola não é diagnosticar, mas identificar sinais e orientar a busca por avaliação profissional.

Outro ponto central é o tempo. A chamada intervenção precoce aproveita a alta plasticidade do cérebro infantil, especialmente nos primeiros anos de vida, para reduzir impactos e melhorar o desenvolvimento. “Há problema em investigar tarde, não em fechar o diagnóstico depois”, resume Celina Reis .

Além do impacto pedagógico, o diagnóstico correto também protege a saúde emocional. Crianças que não recebem acompanhamento adequado têm maior risco de desenvolver ansiedade, baixa autoestima e dificuldades sociais ao longo da vida.

Em um cenário de excesso de informações e autodiagnósticos na internet, especialistas fazem um alerta: diagnosticar exige formação, experiência e responsabilidade. Mais do que um rótulo, o diagnóstico é uma ferramenta de cuidado, capaz de garantir

Dra Cíntia Salgado - fonoaudióloga





O acompanhamento especializado ajuda no desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças.

Congresso da ABENEPI reúne especialistas em Natal

O 28º Congresso Brasileiro da Associação Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil e Profissões Afins será realizado em Natal, reunindo profissionais de diversas áreas para discutir avanços no diagnóstico e tratamento dos transtornos do neurodesenvolvimento.

Quando: 28 a 31 de outubro de 2026

Onde: Centro de Convenções de Natal

Duração: 4 dias com pré congresso e cursos práticos

Destaques da programação:

- Critérios diagnósticos atualizados para TDAH e outros transtornos
- Sinais precoces e intervenção na primeira infância
- Dislexia, discalculia e dificuldades de aprendizagem
- Impactos do uso de telas no desenvolvimento infantil
- Integração entre saúde e educação

O evento reúne médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, pedagogos e outros profissionais, reforçando a importância da atuação interdisciplinar.

Informações e inscrições: congressoabnep2026.com.br



saiba mais em: guiaviverbem.com.br



Acompanhamento multiprofissional é essencial para identificar e tratar sintomas gastrointestinais que podem agravar o comportamento e o desenvolvimento infantil

Autismo e saúde gastrointestinal: o impacto invisível no desenvolvimento infantil

Especialistas alertam que crianças com TEA têm maior prevalência de sintomas gastrointestinais, como seletividade alimentar, constipação e distensão abdominal, o que pode agravar sono, comportamento e aprendizado

Muito além das dificuldades de comunicação e socialização, o transtorno do espectro autista (TEA) também pode se manifestar no corpo, especialmente no intestino. Recusa alimentar, constipação, diarreia e déficits nutricionais aparecem com frequência maior entre essas crianças e exigem acompanhamento integrado.

A relação entre autismo saúde gastrointestinal tem ganhado cada vez mais atenção de especialistas. O transtorno do espectro autista (TEA), conhecido principalmente por afetar a comunicação e o comportamento, também envolve alterações sensoriais que impactam diretamente a alimentação e o funcionamento intestinal.

Dra Celina Reis , neuropediatra



Segundo a neuropediatra, Dra. Celina Reis, o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que também interfere na forma como a criança percebe sinais internos do próprio corpo. “Essas crianças podem ter dificuldades até em reconhecer sensações como fome, saciedade ou desconforto abdominal”, explica.

Na prática, isso se traduz em desafios alimentares importantes. De acordo com a gastropediatra dra. Rosane Gomes, a seletividade alimentar é a manifestação mais comum. “O principal transtorno alimentar do TEA é a seletividade alimentar. São crianças que aceitam poucos alimentos e recusam novidades, muitas vezes por questões sensoriais”, afirma.

Alterações intestinais, como constipação e distensão abdominal, podem impactar sono, cognição e comunicação em crianças com autismo



Dra Rosane Gomes, gastro pediatra



Além disso, sintomas como constipação, diarreia, distensão abdominal e intolerâncias alimentares são frequentes. “A doença celíaca é três vezes mais comum em crianças com TEA”, destaca Rosane, ressaltando a necessidade de investigação clínica adequada.

O impacto vai além do sistema digestivo. Celina Reis alerta que alterações gastrointestinais podem agravar outros aspectos do desenvolvimento. “Quando a criança está com desconforto intestinal, há piora no comportamento, no sono, na cognição e até na comunicação”, diz.

Outro ponto em estudo é a relação entre cérebro e intestino, mediada pela microbiota intestinal. Alterações nesse equilíbrio

Seletividade alimentar é uma das manifestações mais comuns em crianças com TEA e pode estar ligada a questões sensoriais, como textura, cor e cheiro dos alimentos



podem influenciar não apenas os sintomas físicos, mas também o bem estar geral da criança.

Apesar do crescente interesse por dietas e suplementos, as especialistas são unânimes: não há soluções universais. “Não existe fórmula única. Cada criança deve ser avaliada individualmente”, reforça Celina.

O consenso entre as áreas é claro: diagnóstico precoce, acompanhamento multiprofissional e orientação às famílias são fundamentais para reduzir impactos e promover qualidade de vida.

PARA SABER MAIS:

CLIQUE E ASSISTA AO PODCAST



**PODE SER O
INTESTINO...
E NÃO SÓ
O AUTISMO**



**Viver
bem**

saiba mais em: guiaviverbem.com.br

#Infância



Muito além da diversão_ brincar é desenvolver habilidades.

Brincar é coisa séria: atividade fortalece cérebro, emoções e prepara crianças para a vida

B Brincar é muito mais do que diversão. Enquanto corre, inventa histórias, monta blocos, desenha ou participa de jogos com outras crianças, o público infantil desenvolve habilidades essenciais para a aprendizagem, fortalece vínculos afetivos e aprende a lidar com emoções e desafios. Especialistas afirmam que a brincadeira é uma das principais ferramentas para o desenvolvimento integral da criança e deve ser estimulada tanto pela família quanto pela escola.

Para a psicomotricista e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Cida Dias, vice-presidente do Congresso Brasileiro da ABENEPI 2026, o brincar é parte fundamental do processo de desenvolvimento humano. "É por meio da

brincadeira que a criança experimenta o mundo, desenvolve a coordenação motora, a criatividade, a autonomia e aprende a resolver problemas. Quando brinca, ela constrói conhecimentos e fortalece competências que levará para toda a vida", destaca.

Segundo a especialista, o excesso de telas e a rotina acelerada têm reduzido o espaço destinado às brincadeiras livres, comprometendo experiências indispensáveis para o amadurecimento infantil. "O brincar espontâneo estimula o desenvolvimento psicomotor, favorece a interação social, amplia a imaginação e fortalece os vínculos afetivos. Não é apenas lazer; é uma necessidade para o desenvolvimento saudável", afirma.

A psicóloga infantojuvenil Clenice Demeda, vice-presidente da ABENEPI Rio Grande do Norte, explica que brincar também representa uma importante forma de comunicação para as crianças. "Durante as brincadeiras elas expressam sentimentos, medos, inseguranças e desejos. É uma linguagem própria da infância e um recurso fundamental para o desenvolvimento emocional, da autoestima e das habilidades sociais", ressalta.



Ela destaca que a participação da família faz toda a diferença. "Mais importante do que oferecer muitos brinquedos é oferecer tempo, presença e interação. Alguns minutos de brincadeira compartilhada fortalecem o vínculo entre pais e filhos, promovem segurança emocional e criam memórias afetivas que contribuem para uma infância mais saudável."

Além do ambiente familiar, especialistas defendem que as escolas preservem espaços para o brincar, reconhecendo essa



Quando o adulto brinca junto, fortalece vínculos, estimula o desenvolvimento e transforma momentos simples em experiências de aprendizado, confiança e afeto.

prática como parte do processo educativo. Jogos, faz de conta, atividades ao ar livre e brincadeiras em grupo estimulam a cooperação, o respeito às diferenças, a criatividade e a capacidade de resolver conflitos, habilidades cada vez mais valorizadas na sociedade.

Em tempos de conectividade permanente, reservar momentos para brincar é investir no desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social das crianças. Mais do que entretenimento, brincar é um direito garantido pela infância e uma das formas mais completas de aprender.



As telas fazem parte da rotina, mas não substituem as experiências do brincar, da interação e da convivência, essenciais para o desenvolvimento saudável da criança.



Correr, pular, escalar e se equilibrar são brincadeiras que fortalecem o corpo, desenvolvem a coordenação motora, a autonomia e a confiança da criança.

Retranca – Congresso Brasileiro da ABENEPI 2026

A importância do brincar e seu impacto no desenvolvimento infantil estará entre os temas em debate no Congresso Brasileiro da ABENEPI 2026, que reunirá especialistas de diversas áreas para discutir os avanços científicos relacionados ao neurodesenvolvimento, aprendizagem, saúde mental, psicomotricidade e inclusão. O evento promoverá palestras, mesas-redondas e apresentações de pesquisas, fortalecendo a troca de conhecimentos entre profissionais da saúde e da educação e reforçando a importância de práticas baseadas em evidências para o cuidado integral de crianças e adolescentes.

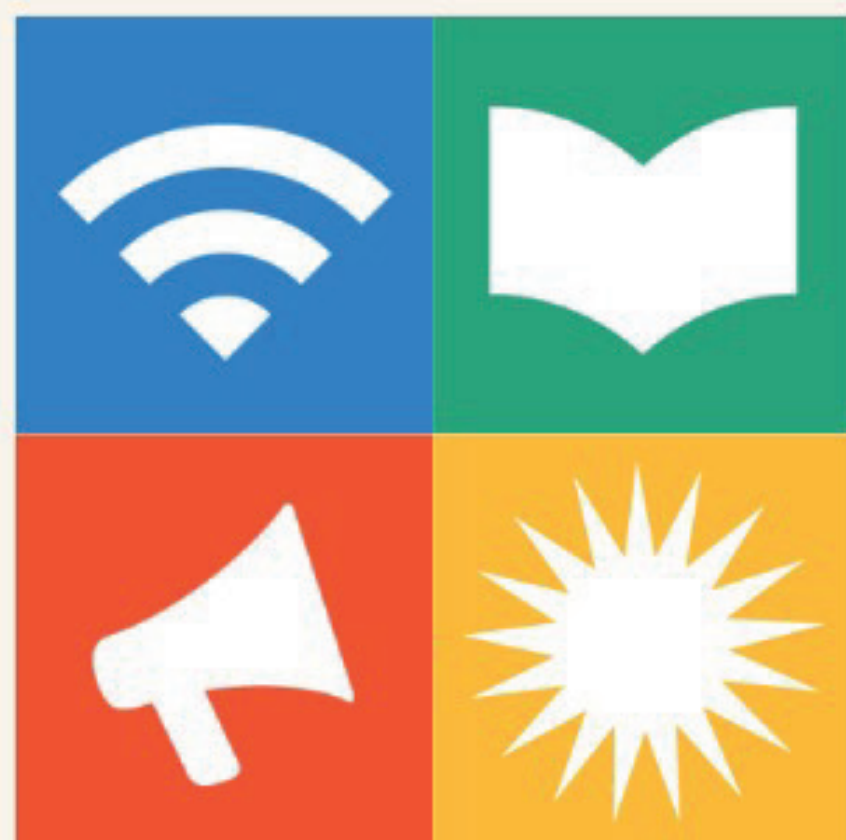


CLIQUE AQUI

**E TENHA ACESSO AO PODCAST
SOBRE A MATÉRIA**



Clique em cima do anúncio
e veja mais!



VIII Congresso Internacional & XXVIII Brasileiro da ABENEPI

GERAÇÕES (DES)CONNECTADAS

Os impactos da Era Digital na Infância, Adolescência
e os Desafios para Saúde, Educação e Famílias.

28 a 31 de outubro de 2026 • Natal • RN

Congresso
ABENEPI 2026!



Inscreva-se em:

congressoabenepi2026.com.br



28 a 31 de outubro • Natal/RN

U
ber
bem